

O DISCURSO AMOROSO DE ARQUÍLOCO

Nely Maria Pessanha

Universidade Federal do Rio de Janeiro

RESUMO: Arquíloco de Paros não é, por antonomásia, o poeta do amor. Há, no entanto, fragmentos que elegem como eixo temático os dons de **Éros**. Manifestam-se sob vários tons: ternura, paixão, sensualidade. Por vezes, o amor, modulando-se pelo diapasão dos impulsos instintivos, converte-se em obscenidade, expressa segundo os acordes da virulência do desprezo; substitui a ternura pela invectiva e escárnio. O discurso amoroso insere-se, então, nos domínios da poesia do **psógos**.

PALAVRAS-CHAVE: Arquíloco; iambo; amor; invectiva.

Ainda que Arquíloco de Paros não seja, por antonomásia, o poeta do amor, os dons de **Éros**, em suas diversas manifestações, constituem o eixo temático de alguns de seus fragmentos. Exemplifica-o bem o fragmento 196aW:

afastando-se completamente;
da mesma maneira...
"se, na verdade, tens pressa e teu coração te impele,
há, em nossa casa,
5 uma bela e delicada donzela
que, neste momento, deseja muito...
Parece-me ser ela de uma aparência irrepreensível.
Toma-a como esposa."
Assim ela falava. E, então, lhe respondi:
10 "Filha de Anfímedes,
nobre... mulher,
que agora a terra úmida envolve,
para os homens jovens,
muitos são os prazeres da deusa,
15 além da divina coisa. Dentre eles, um só bastará.
Isto, tranquilamente,
assim que...,
eu e tu decidiremos com a ajuda do deus.
Farei como tu ordenares.
20 muito...
sob a cumeeira e debaixo das portas
Não ponhas obstáculo algum, querida.
Dirigir-me-ei, pois, para os jardins verdejantes.
Agora, fica sabendo: a Neobula,

25 *que um outro homem a possua.*
 Ai! ela já está muito madura
 e a flor da juventude murchou
 e a graça que possuía antes,
 não se satisfaz...

30 *...a medida...revelou a louca mulher.*
 Atira-a aos corvos
 Não aconteça
 que, tendo eu tal mulher,
 seja objeto de chacota dos vizinhos;

35 *eu te quero muito,*
 poque não és infiel nem dúplice,
 mas ela é muito matreira
 e faz muitos amigos;
 temo que eu, levado pela pressa,

40 *faça filhos cegos e prematuros,*
 como a cadela."
 Dizia eu estas palavras. Tomado a moça,
 reclinei-a entre as flores luxuriantes;
 coabrindo-a com o leve manto,

45 *abracei-lhe o pescoço*
 ela, deixando...
 como uma pequena corça...
 Toquei-lhe docemente com as mãos os seios.
 ...mostrou-se

50 *a pele viçosa da juventude.*
 Apalpando todo o seu belo corpo,
 lancei meu sêmen,
 roçando pelo seu pêlo dourado.

Este fragmento, apresentado por Martin L. West, juntamente com um outro menor, de apenas cinco versos, como sendo da lavra de Arquíloco, em 18 de abril de 1974, em Treves, durante a Reunião da Societé Mommsen, teve o mérito de despertar um novo interesse acerca da obra do poeta de Paros. Foram os iambo descobertos numa coleção de papiros de Colônia, onde havia uma folha que continha, numa coluna, quarenta versos manuscritos. Tiveram esses fragmentos sua primeira publicação em junho de 1974, editados por M. L. West e R. Merkelbach.

O fragmento 196aW, segundo alguns helenistas, é constituído de dísticos, formados por um trímetro iâmbico, seguido de um assinarteto, composto por um hemiepes datílico e um dímetro iâmbico acatalético. West, contudo, despreza a justaposição de dois *kōla* de metros diferentes e considera o epodo formado por grupos de três versos, a saber: trímetro iâmbico, hemiepes datílico e dímetro iâmbico acatalético.

No tocante aos cinco outros versos, são eles *incipit* de um outro fragmento, cujos dois primeiros versos, que aparecem na edição de West, sob o número 188, foram citados separadamente pelo metricista Hefestion. Um

assinarteto, formado de um tetrâmetro datílico e um itifálico, e um trímetro iâmbico catalético compõem cada dístico. Trata-se de um metro epódico já conhecido, visto aparecer no fragmento 191W.

É o fragmento 196aW um poema narrativo, em primeira pessoa do singular, de motivo arquetípico que reproduz, através do discurso direto, o diálogo travado, durante um encontro num lugar isolado, entre dois personagens: um rapaz, o narrador, ardendo de desejo e uma jovem, esquiva a princípio, mas toda envolvimento no final.

A temática da sedução amorosa aflora como nuclear, e tem como paradigmas dois episódios da epopéia homérica: o encontro entre Ulisses e Nausícaa, narrado no canto 6 da **Odisséia** e o encontro entre Zeus e Hera, narrado no canto 14 da **Ilíada**. Nausícaa e Ulisses encontram-se às margens ermas de um rio, para onde tinha ido a princesa dos deáceos, em companhia de servas, a fim de executar tarefas domésticas. Ulisses deseja tocá-la; não o faz, contudo; limita-se a louvar-lhe a beleza. O encontro de Zeus e Hera é provocado pela deusa que, para auxiliar os gregos, tenta seduzir o esposo. Este a convida para os prazeres do amor. E, como Hera não deseja deitar-se com o pai dos deuses e dos homens, pretexta temer ser vista. O Olímpio envolve, então, a ambos, numa nuvem de ouro e, reclinando-a na relva, toma-a nos braços, num gosto semelhante ao do personagem do iambo. Mas o poeta de Paros ultrapassa os limites da delicadeza e da ternura no ato de amar e confere literariedade ao tema do amor carnal, do prazer erótico. O sensual impera nos últimos versos e evoca os fragmentos 191W e 193W, onde **Éros** e **Póthos** se manifestam como forças irracionais, instintivas e dominadoras:

*"Tal desejo de amor, enovelando-se em meu coração,
espargiu densa névoa sobre meus olhos
e roubou de meu peito a doce lucidez." (fragm. 191W)*
*"Infeliz, estou prostrado pelo desejo,
exânime, transpassado, pelo querer dos deuses,
de dores terríveis pelos ossos." (fragm. 193W)*

Periféricos ao tema da sedução amorosa, desenvolvem-se, no fragmento 196aW, sub-temas, tais como, o efêmero da beleza e da juventude, a **akolasía** feminina, a agressão injuriosa e o desprezo mordaz. Gravitam esses sub-temas em torno da jovem bela e delicada, antes oferecida ao rapaz, agora identificada como Neobula, personagem que aparece no fragmento 118W.

"Oxalá meu braço pudesse tocar Neobula!"

Neobula, "a que tem um novo querer", "aquela que muda de opinião", era, segundo a tradição, não só uma Licâmbide, talvez a mencionada no fragmento 38W – "tal a filha mais velha de Licambes" –, mas também a amada do poeta que o rejeitara por causa de suas maledicências. Nada há, entretanto, que comprove essa hipótese. Neobula pode ser, como muitos outros nomes próprios – Charilaos (fragm. 16W), Kerykídes (fragm. 185W) – ma criação poética ou um personagem-tipo.

Não é mais a Neobula do fragm. 196aW, como acontece à do fragm. 118W, objeto do desejo, pois perdera os filtros provocadores da paixão. É ela a antítese da jovem retratada nos versos iniciais: à beleza irrepreensível contrapõe-se o envelhecimento. Pinta-se uma mulher tão desprezível quanto a do fragm. 188W ou a do fragm. 205W:

*"Não exibes mais a tua pele viscosa; já está ela
marcada pelas rugas; a terrível velhice te domina.
...tendo-te apagado da encantadora face o doce desejo
...certamente arremetem contra ti as rajadas
dos ventos de inverno, muito freqüentemente..."*

(fragm. 88W)

"como és velha, não te deverias perfumar." (fragm. 205W)

O vitupério chega ao clímax, quando é feita referência à **akolasía** de Neobula. É ela tal qual a Pasífila do fragm. 331W: "Figueira agreste, alimentando muitas gralhas, bondisa Pasífila, acolhedora de estranhos." Retrata-se uma Neobula tão libertina que se lhe pode atribuir a referência contida no fragm. 189W: "acolheste muitas enguias cegas."

Há porém, justificativas para o repúdio, idênticas às alegadas por Hesíodo, em **Os Trabalhos e os Dias**, quando apresenta o retrato ideal da mulher casadoura:

*"Casa com alguém que mora perto de ti;
observa bem tudo, para não casares com o objeto
de chacota dos vizinhos." (Hesíodo, **Trabalhos e Dias**, 700-701)*

Observa-se, pois, que no fragmento 196aW, o amor se apresenta sob tons diversos: é paixão, ternura, sensualidade. Ao fascínio da sedução contrapõe-se a virulência do desprezo. O episódio narrado, que pertence à esfera do quotidiano, que se situa no "nível da atualidade, na zona do contato imediato" (Bakhtin, 1981, p. 93), é expresso através de uma linguagem tão solene quanto à da epopéia. Sublime e vulgar se fundem, pois.

...eu respondi...

*"mulher, diante dos rumores ferinos dos homens,
não tremas. Ao anoitecer,
eu me preocuparei... Sê amável comigo.
Pareço-te ter chegado a tal grau de infelicidade?
Mostro-me como covarde?
Não sou, nem de tais descendo.
Sei amar a que me ama,
odiar a quem me odeia, e também...
a formiga. Neste oráculo está a verdade.
Volta para esta cidade,
os homens jamais a devastaram.
Tu, então, te apoderas dela pela lança
e alcanças grande glória.*

*Reina sobre ela e mantém a tirania.
Serás invejado pela maioria dos homens."*

Pode-se dividir o iambo em dois segmentos: no primeiro, o narrador dirige-se à mulher, num tom terno, quase súplice, com o objetivo de dissipar as dúvidas que pairam a seu respeito e de seduzi-la; no segundo, o narrador, na tentativa de persuasão, confere a seu discurso um tom solene, apelando para uma verdade oracular.

Convém ainda assinalar que há iampos em que a expressão do erotismo se desnuda do tom amoroso propriamente dito, vulgariza-se, convertendo-se, por vezes, em expressão de obscenidade. Citem-se, como exemplos, os fragmentos 119W e 42W:

*"e atira-me sobre o odre excitado, colar
ventre a ventre, coxas a coxas." (frag. 119W)
como um trácio ou frígio, suga por um canudo
a cerveja; abaixada, ela trabalha (frag. 42W)*

A maneira de conclusão, pode-se afirmar que iampos, como os 196aW, 119W, 42W, 191W, 193W, dentre outros, participam das características da poesia do *psógos*, poesia que serve de expressão à crítica mordaz e depreciativa, ao posicionismo escarnecedor e injurioso, à contestação do estabelecido, mas que se configura também como zombaria, jocosidade, como expressão de temas ditos vulgares. É a poesia que está nas origens do "sério-cômico" no sentido que este termo adquiriu na teoria do texto literário de Bakhtin.

RÉSUMÉ: Archiloque n'est pas, par antonomase, le poète de l'amour. Il y a cependant des fragments qui privilégient comme orientation thématique, les dons d'Eros: ceux-ci se manifestent sous plusieurs visages: la tendresse, la passion, la sensualité. Parfois l'amour se met au diapason des instincts et se transforme en obscénité, exprimée par les accords du langage épique. Le poète oppose, dans quelques fragments, le charme de la séduction à la virulence du mépris; il substitue, à la tendresse, l'invective et le sarcasme. Les discours amoureux s'insère, alors, dans les domaines de la poésie du psógos.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M.** *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 1981.
- BAKHTIN, M.** *Récit épique et roman*. In: *Esthétique et théorie du roman*. Trad. Daria Olivier. Paris: Gallimard, 1978, p. 440-473.
- GENTIL, B.** *Poesia e público nella Grecia antica*. Roma: Editori Laterza, 1984.
- IAMBI ET ELEGI GRAECI ANTE ALEXANDRUM CANTATI**. Edidit, M. L. West. Editio altera. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- WEST, M. L.** *Studies on greek elegy and iambus*. Berlin / NewYork Walter de Gruyter, 1974